



UMA CIDADE MARCADA POR PERDAS E SONHOS: A NATAL DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Giovana Paiva de Oliveira¹, Angela Lúcia Ferreira¹, Yuri Simonini¹

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Grupo de Pesquisa História da Cidade, do Território e do Urbanismo

giovana@ufrnet.br; angela.ferreira@pq.cnpq.br; ysimonini@gmail.com

Resumo

A participação brasileira na Guerra trouxe diversas mudanças e consequências para as cidades que abrigaram bases e contingentes militares aliados. Mudanças que, em Natal, contraditoriamente, confrontava a materialização de desejos das elites locais em continuar o processo de modernização urbana, perseguido desde o início do século XX. Compreender as alterações no papel das elites e em seu ideário diante do inesperado processo de militarização da cidade é o objetivo deste trabalho. Com base nos pressupostos de representação, de Roger Chartier e nas reflexões de Paul Veyne acerca da História, analisou-se crônicas e matérias jornalísticas publicadas no Jornal A Republica que refletiam ansiedades, perdas e sonhos diante de outros caminhos e de uma nova cidade que a realidade lhes mostrava.

Abstract

The participation of Brazil at The World War II brought many changes and consequences for cities that hosted allies' military bases and contingents. Changes that in Natal, otherwise, confronted the construction of local elites' desires in carrying on the process of urban modernization, pursued since the early twentieth century. Understanding the changes in the elites' role and their ideas before the unexpected city's militarization process is the aim of this study. Based on the Roger Chartier's representation concept and Paul Veyne's reflections about History, we analyzed chronicles and newspapers' articles published in "A Republica" that reflected anxieties, dreams and losses before other paths and the reality of a new city that was shown to them.

Palavras-chave

Ideário, Representações, Singularidades históricas, Militarização do espaço urbano, Elites, Natal/Brasil

Keywords

Ideas, Representations, Historical Singularities, Urban space militarization, Elites, Natal / Brazil.

Considerações iniciais

Durante a Segunda Guerra Mundial, além do próprio ambiente de conflito, as transformações urbanas promovidas pelas elites de Natal¹, certamente modificaram a maneira como os intelectuais viam, descreviam e construía a realidade à sua volta e a rotina diária da população. A cidade, ao sediar as bases norte-americanas e brasileiras, trouxe para o seu espaço urbano novas funções e atividades, traduzidos em equipamentos e em infraestrutura, que permitiram a expansão de seus limites físicos; o desvio de seu eixo de crescimento, deslocado para o sul, na direção das

¹ As elites representam, aqui, um grupo que exerce as relações de poder na cidade, sejam elas políticas, econômicas ou intelectuais.



bases aéreas localizadas no então distrito de Parnamirim²; assim como a consolidação de uma divisão sócioespacial³ ao intensificar o processo de produção e ocupação do espaço por meio do capital comercial e imobiliário (FERREIRA, 1996).⁴

Num contexto mais geral, verifica-se que, ao longo desse período, consolidou um processo de industrialização, espacialmente concentrado no centro sul, e teve desencadeado o processo de urbanização dos principais centros urbanos. As cidades brasileiras se adensaram, enquanto a economia mudou a base produtiva, migrando da agricultura para a indústria. Cada estado, ou grupos de estados, passou(aram) a desempenhar papéis específicos na divisão inter-regional do trabalho e as elites promoveram transformações a partir de modelos pré-estabelecidos e consonantes com seus próprios interesses políticos e econômicos, os quais acarretaram em intervenções no espaço urbano.

Inserida nesse cenário, a capital potiguar viveu uma condição particular. Por um lado, participou como intermediadora de matérias-primas produzidas no Rio Grande do Norte – principalmente tungstênio, algodão e sal – e, por outro, semelhante a algumas cidades nordestinas, conviveu com o clima de guerra e com as conseqüentes transformações promovidas física e culturalmente no seu cotidiano.

Compreender as alterações no papel das elites e em seu ideário de modernidade e de modernização urbana diante do inesperado processo de militarização da cidade, durante a Segunda Guerra Mundial, constitui-se o objetivo desse trabalho. Pretende-se, assim, contribuir para o debate urbano-históricográfico local, no que se refere ao imaginário de sua população, num momento ainda pouco estudado.

A aproximação da História Cultural, principalmente referenciada no conceito de “Representação”, delineado por Roger Chartier (1988), aponta para a necessidade do entendimento acerca da construção social de relações entre grupos humanos, cuja resultante os leva, particularmente, a apreender ou a criar realidades. A história como um modo de escrita, um conhecimento sempre incompleto, que pode ser construída mediante documentos e indícios, conduz a reflexões de Paul Veyne (1971), que analisa eventos históricos simplesmente como acontecem e se tornam história a partir do interesse do historiador de tratá-los como verdade. Portanto, trata-se de uma construção indeterminada, que requer a inclusão do que tenha ocorrido e, neste caso, adotou-se o viés da modernização do espaço e a relação com as elites locais.

Nesta construção historiográfica, utilizou-se fontes primárias, como crônicas e matérias jornalísticas publicadas no jornal *A República*⁵ na primeira metade da década de 1940, as quais possibilitaram entender, pelo olhar dos intelectuais, o pensamento das elites sobre a realidade vivida e seus conflitos e anseios. A leitura desses documentos se deu por meio das palavras e pela interpretação dos “silêncios” e que também evidenciam a construção da conjuntura da Segunda Guerra Mundial em Natal.

Este artigo se estrutura em dois tópicos. O primeiro trata dos condicionantes históricos da localização geográfica e estratégica da capital potiguar, que justificaram os motivos para a construção do aparato militar na região. Em seguida, analisa as falas e

² Anteriormente o eixo de crescimento de Natal tinha a direção leste, no sentido do bairro do Alecrim e da estrada de Macaíba.

³ Até os dias atuais, grupos mais abastados ocupam as regiões leste e sul da cidade, que compreende os bairros de Petrópolis, Tirol e os demais que surgiram seguindo sua direção.

⁴ No entanto, a partir desse momento, foram demarcados setores militares que garantiram a preservação de grandes áreas no espaço intra-urbano natalense – Quartéis, Base Naval e suas vilas –, ainda existentes.

⁵ O periódico, fundado no final do século XIX e que apregoava ideais republicanos, era o principal veículo de comunicação do governo, e, posteriormente, se transformou no Diário Oficial do Estado, função que cumpre atualmente.



interpretações das elites ante as transformações que ocorriam na cidade e o desejo de torná-la moderna.

Do “Caes da Europa” ao “Trampolim da Vitória”

A criação da cidade, pelo Governo Colonialista da Coroa Ibérica, por meio de um decreto, a fim de justificar a defesa da colônia, acabaria por associá-la, no plano imagético, à defesa do país. A sua posição geográfica e estratégica, que a caracterizou desde sua fundação, em 1599, pontuou, na primeira metade do século XX, fatos marcados muitas vezes por inovações técnicas, que repercutiram no modo de vida da população e que a conectaram com a modernidade: os navios e vapores a partir de 1900; o avião nos anos 1920; e a militarização na Segunda Guerra, na década de 1940.

Ainda na década de 1920, a localização estratégico-defensiva da cidade, foi acrescida de uma importância geopolítica mundial. A imagem de facilitadora de ligações e de comunicações entre as diversas civilizações do mundo tornou-a referência, encruzilhada dos primeiros voos aeronáuticos, caminho mais fácil e seguro e ponto de abastecimento nas travessias do Oceano Atlântico. E dessa movimentação nos ares da cidade culminou a “(...) expressão cunhada pelo [então] ministro Victor Konder: ‘Natal, Caes da Europa’ (DANTAS, 1998, p.70). Expressão que logo se incorporou ao entusiasmo das elites por uma cidade moderna:

Natal é uma cidade que vem se embellesando á medida que o seu progresso comercial, industrial e cultural se alarga, se engrandece e vae ecoar nos rincões mais afastados do paiz. Caes da Europa – por onde convergem todos dos enthusiasmos, todas as manifestações do trabalho humano nessa época de aviões e eletricidade (...) não seria admissível que Natal não assimilasse a vertigem dinamica que impulsiona o globo para maiores e formidáveis conquistas (A REPÚBLICA, 1928, p.1 apud DANTAS, 1988, p.71).⁶

A cidade tornou-se via de passagem para a aviação mundial, para empresas comerciais e para a aviação desportiva. O pouso de todas as aeronaves, tal qual aconteceu com os vapores no início do século XX, facilitou a convivência dos moradores e das elites com outras culturas, aproximou as comunicações com os demais centros avançados e, conseqüentemente, com a novidade e o conhecimento moderno então produzido.

Iniciada a guerra em 1939, as elites locais, impregnadas da relevância estratégica e de defesa que a cidade carregava, perceberam o que podia representar sua localização e, por isso mesmo, pressentiam que se tornaria vulnerável diante do eminente conflito em escala mundial. Era, portanto, indispensável agilizar as condições materiais para defender o país e apostavam que a instalação de uma infraestrutura militar que deveria se iniciar na sua cidade. Compreendiam ainda que a pequena capital nordestina, antes “Caes da Europa”, poderia se transformar na “porta da América”, por onde as tropas alemãs atacariam o Brasil e, conseqüentemente, o continente americano. E, por conseguinte, acreditavam que a cidade seria o primeiro alvo nas Américas, caso os nazistas avançassem sobre o Oceano Atlântico.

As elites potiguares percebiam o atraso das ações do Governo Federal em providenciar a instalação da defesa no seu território. Quando o conflito avançou na direção da África, essa expectativa tornou-se ansiosa, uma vez que os recursos eram sempre insuficientes. E, como decorrência da falta de solução, os dirigentes locais

⁶ A ortografia e a pontuação das citações deste trabalho foram atualizadas em relação aos documentos originais, inclusive com correções eventuais dos erros tipográficos e de redação.



tomaram iniciativas no sentido de antecipar as definições que contribuíram para a instalação de bases norte-americanas em seu território, mesmo sem a autorização oficial do Governo Federal brasileiro.

De qualquer forma, essas iniciativas se desdobraram na chegada à cidade de representantes do Governo dos Estados Unidos, ainda em 1939, para proceder a estudos e levantamentos avaliadores das condições locais, que deram fundamento ao início da construção de instalações e das operações militares norte-americanas no espaço da cidade (OLIVEIRA 2008; PINTO, 2000). O trabalho foi consolidado em um plano que ficou conhecido como "Projeto de Natal" (SMITH JÚNIOR, 1993). Tais acontecimentos configuraram a "clandestinidade" das decisões e das ações que se seguiu entre 1939 e 1942. Aliás, infere-se que a negligência observada na cobertura jornalística do Jornal A República, e a omissão de informações, procedimentos e operações, pode ter sido a estratégia adotada pelas elites para se resguardarem de serem responsabilizadas por qualquer entrave nas negociações entre o Governo Federal e as partes em conflito.

A autorização do uso do espaço parece ter sido parte de um acordo do Governo norte-americano com as elites locais, em troca de proteção da cidade, sugerida pelas recorrentes visitas a Natal do embaixador daquele país no Brasil (OLIVEIRA, 2008). Visitas que eram acompanhadas de reuniões sigilosas no Palácio do Governo do Estado, que contavam com a presença de militares norte-americanos e brasileiros e dirigentes políticos locais, particularmente o Interventor Estadual e seus assessores diretos.

O segredo que envolveu as operações das Forças Armadas dos Estados Unidos em Natal foi facilitado pelo isolamento geográfico da cidade e, talvez, pela pouca relevância que esta representava no cenário regional e nacional. As obras das bases militares foram tratadas em algumas ocasiões pela imprensa local como se pertencessem à Empresa *Pan American Airways*. Ainda, talvez para salvaguardar as autoridades locais, a Empresa intermediava a contratação da mão-de-obra. Seus "funcionários" compravam parte do material no comércio local e faziam todas as operações administrativas das obras em andamento, particularmente o pagamento dos operários e o faziam instalados em um escritório no centro da cidade.

Fato é que, quando o Brasil entrou no conflito em 1942, Natal já contava com uma base área em operação, de importância estratégica que rendeu ao distrito de Parnamirim a alcunha de "Trampolim da Vitória", dado pelo Brigadeiro Eduardo Gomes (MELO, 1993). O cotidiano de guerra em Natal, a partir de então, traria inúmeras consequências para a cidade.

Da "velha Cidade" a cidade moderna

Durante a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, Natal tornou-se um centro do serviço intercontinental de entrega de suprimentos, desde motores de aeronaves até bombas, os quais eram guardados nos grandes armazéns existentes em Parnamirim; assim como ocupou o lugar de entreposto para o trânsito de autoridades, políticos e artistas da música e do cinema norte-americano para outras bases e países. A cidade fazia parte da rota mais segura do Oceano Atlântico e, por isso, era o "posto avançado do Brasil na Guerra" (POSTO..., 1943, p.8).

Tal contexto provocava a imaginação dos dirigentes, que viam na adversidade as condições propícias para dar continuidade à almejada modernização e como possibilidade de enfrentar a crise que se avizinhava. Tornar-se a "encruzilhada de todos os caminhos do mundo" (NATAL..., 1943, p.7), se conformava numa das utopias que marcou a Natal do século XX:



Três grandes caminhos aéreos convergem para Natal: do Norte procedente do Amazonas e dos Estados Unidos; do leste, procedente da África, da Europa e do Médio e do Extremo Oriente; e do Sul, procedente do Rio, das Repúblicas platinas e outras Repúblicas sulamericanas. Sob esse aspecto, Natal é, talvez, atualmente, a mais importante encruzilhada do mundo. [...]. Viajantes de todas as categorias e de todos os pontos do mundo chegam diariamente a Natal, há muito tempo. (NATAL..., 1944, p.5).

Na euforia do momento, as elites pretendiam que essa condição a tornasse um dos centros mundiais. E, para tal, acreditavam que viajantes do mundo inteiro poderiam frequentar a pequena cidade e ter boas impressões. Avaliavam ser necessário retirar todos os resquícios que deturpassem a imagem do Brasil, todas as “coisas feias ou más que possam ver em Natal” (NATAL..., 1944, p.5). Mesmo com a pouca efetividade desta intenção, observa-se a rapidez com que se promoveu a renovação.

Cada semana há uma transformação. Como ninguém se lembrou de fixar pela fotografia a paisagem da velha Cidade que se tornou menina moderna, será impossível, de futuro, uma reconstituição em sua fisionomia de outrora. Quem, aí em 1999, acreditará no que era em 1944 o Alecrim? E as nossas ruas ainda com arzinho colonial, como as paralelas à Praça André de Albuquerque? No Alecrim com o taboleiro retangular das avenidas abertas e amplas, nascerá a outra cidade do Natal, quando a Ribeira for indústria e a Cidade Alta, comércio (CASCUDO, 1944, p.6).

Queriam reformar e valorizar as áreas mais visitadas e apagar as marcas do passado e, para isso, era necessário voltar a ter pressa⁷, retomar as obras para “civilizá-la”, promover seu crescimento ordenadamente, juntamente com a implantação de uma indústria e de um comércio mais apropriados ao mundo capitalista. Seguramente, as condições propiciadas por sediar bases militares interferiram na relação de suas elites com o espaço, no impacto que viveu com seus desdobramentos e na relevância que assumiu diante da conjuntura mundial. É fato também que Natal não difere das demais cidades brasileiras, quando é observada sob a ótica da sua modernização, porém as mudanças que se operaram no seu espaço nesse período adquiriram proporções bem diferentes, diante de sua realidade. Nela, os investimentos se deram de maneira súbita, a capital cresceu repentinamente e conviveu com dificuldades e problemas urbanos próprios de uma grande cidade.

Em fevereiro de 1942, entraram na cena discursiva as Forças Armadas brasileiras e as expectativas, na cidade, assumiram a proporção e crença de que a guerra estava cada vez mais próxima, o que podia ser percebido pelo início do programa de treinamento, conhecido como Exercícios de Defesa Passiva. Em seu conteúdo, previa-se dotar a população de informações elementares, as quais eram repassadas por procedimentos militares de organização e disciplina.

Todas as ações militares passaram a ser compartilhadas entre os militares dos dois países e estas se evidenciaram nas primeiras notícias que pretendiam orientar a população. Ao invés de tranquilizar, espalharam pânico simulando uma realidade de guerra. Em decorrência da necessidade de treinamento, a população teve que aprender, subitamente, a atender ao barulho das sirenes; vedar todas as frestas das

⁷ Entre 1935 a 1940, Natal foi um grande canteiro das obras de infraestrutura e de equipamentos em decorrência do Plano Geral de Obras proposto pelo Escritório Saturnino de Brito para Natal. Contudo, trata-se de uma continuidade de ações por parte do poder público em dotar a cidade de elementos considerados modernos, seja pelo viés higienista, seja pelo ideal de “aformoseamento”, seguindo o exemplo da então Capital Federal – Rio de Janeiro – desde o início do século XX. Para maiores detalhes, ver: Anna Caroline de Carvalho Dantas (2003), Angela Lúcia Ferreira e George Dantas (2006) e Angela Lúcia Ferreira et al (2008).



janelas, impedindo a saída de luzes das residências; conviver cotidianamente com aviões de guerra sobrevoando seus lares, em voos rasantes que encenavam um ataque aéreo; construir abrigos antiaéreos domésticos do tipo vala; usar estratégias de camuflagens pessoais; e adotar comportamentos específicos em situações de estresse. Ou seja, as autoridades civis e militares, brasileiras e norte-americanas, reiteravam a necessidade da população permanecer prevenida, preparada e o treinamento permitiria que reagisse com rapidez diante de imprevistos. Se, por um lado, a submissão a esta rotina levaria a população a um agudo estado de tensão, por outro, garantiria o sucesso da defesa da cidade.

Assim, a militarização da cidade também envolveu procedimentos de defesa que mudaram suas rotinas, modificaram sua estrutura física e o uso do seu espaço, particularmente a partir da finalização da construção das bases militares e do atraso para iniciar as obras dos abrigos antiaéreos. A preparação psicológica da população ficou em descompasso com a proteção oferecida. As Forças Armadas treinaram os moradores para uma guerra, enquanto os governos locais não disponibilizaram as condições para protegê-los. Além do medo dos bombardeios, os moradores ainda tiveram que enfrentar uma série de restrições, como a falta de alimento, transporte, água e combustível.

As elites, por sua vez, não foram tão atingidas pelas privações vividas pela maioria da população da cidade. A proibição do uso dos transportes de passeios, por exemplo, apesar do impacto inicial, revelou-se uma dificuldade rapidamente superada, uma vez que começaram a usufruir dos mesmos direitos de circulação dados as forças armadas e, para além disso, de utilizarem os próprios veículos militares. Da mesma forma, o consumo de gênero alimentício. No início do desabastecimento no país, o Governo Brasileiro assumiu a responsabilidade de alimentar os contingentes aquartelados. Em Natal, embora escasseados no comércio local, as elites tinham facilidade em adquirir os gêneros alimentícios em mercados paralelos, mantidos pelas mesmas fontes governamentais.

No que se refere à economia, o Rio Grande do Norte, apesar da demanda por matéria-prima beneficiada do algodão (empregada na indústria têxtil) e a extração do tungstênio (mineral utilizado na indústria bélica), não acompanhava o ritmo de crescimento que se instaurava no Brasil. A capital do estado continuava reforçando sua função de centro de intermediação comercial, de comércio tradicional, de serviços e estratégico-militar e não de lócus da produção (FERREIRA, 1996), consolidando sua exclusão do surto de industrialização vivenciado no país.

O nosso Estado encontra-se ainda, incontestavelmente, num lamentável atraso econômico, que bem se expressa na ausência da indústria manufatureira. [...]. No mundo moderno, a grandeza e o progresso dos povos residem justamente, na sua maior industrialização. Todavia, mesmo sem a presença desses fatores determinantes do progresso, temos conseguido uma melhoria sensível para o fortalecimento de nossa vida financeira. Proporcionando ao Governo Estadual uma elevada arrecadação orçamentária (FINANÇAS..., 1945, p.3).

A circulação de dinheiro, por sua vez, impulsionou o crescimento do comércio local, a expansão dos estabelecimentos bancários e de crédito cooperativo, assim como no enriquecimento de muitos comerciantes. E, apesar da arrecadação crescente,

Deu-se, neste particular, um fenômeno curioso, pois, ao contrário do que seria de imaginar, não foi grande o número de casas abertas em consequência da guerra. Afora certo número de casas de jóias e relógios inauguradas por comerciantes do sul para atender à sede de relógios dos

XII SHCU

SEMINÁRIO DE
**HISTÓRIA DA
CIDADE E DO
URBANISMO**

Porto Alegre
15 a 18 de outubro 2012

**A CIRCULAÇÃO DAS IDEIAS
NA CONSTRUÇÃO DA CIDADE:
UMA VIA DE MÃO DUPLA**



americanos, o comércio local bastou para atender a onda de clientes surgida tão bruscamente. [...]. O tom geral dos estabelecimentos comerciais é ainda o mesmo de antes, simples e provinciano. Parece que, não obstante os notórios lucros auferidos receiam os comerciantes inverter capital em instalações luxuosas ou mesmo confortáveis; preocupam-se sobretudo em ganhar agora sem grandes despesas (NATAL..., 1943, p.8).

Muitos negociantes de outros estados se instalaram na cidade e dividiram a demanda crescente com os comerciantes locais. Enquanto os primeiros primavam em investimentos, visando a obtenção de lucros rápidos com estoques, mercadorias diversificadas e de melhor qualidade; os outros pouco investiam nos seus estabelecimentos, mantendo-os pequenos e transferindo seus lucros e capital excedente ao promissor setor imobiliário, representado pela produção rentista de moradia, num primeiro momento, e, posteriormente, no parcelamento de novas áreas. Essa produção imobiliária se deu no deslocamento do eixo de crescimento da cidade, e confirmava a tendência segregacionista de sua ocupação. A cidade se expandia em dois sentidos: na direção do bairro do Alecrim, rentabilizando uma área outrora pouco valorizada; e no entorno de *Parnamirim Road* (via que ligava Base *Parnamirim Field* à Hidrobase da Rampa). Adensava-se a ocupação dos bairros de Petrópolis e Tirol, onde os rígidos controles e barreiras legais estabelecidos consolidaram a elitização presente desde o início de sua ocupação, em 1901.

Para as elites locais, Natal, por se encontrar numa encruzilhada entre os dois mundos, havia se tornado a “principal trincheira do Atlântico” e se preparava diariamente para guerrear e enfrentar qualquer eventualidade. Acreditava-se que havia se transformado definitivamente na “porta do Brasil”, onde se armaram “os trampolins da vitória transatlântica” (AS PORTAS..., 1942, p.1). Da capital do pequeno estado do Rio Grande do Norte, seria impulsionado o reforço que as forças aliadas careciam no outro lado do oceano. E essa atribuição naturalmente lhe reservaria ser observada pelo mundo, passando a representar mais do que um país, uma vez que partiria dela, assim como dependeria de sua posição estratégica, a defesa do Continente Americano.

Apesar das transformações físicas e consequentes sentimentos de perda, que provocavam desorientações, as elites locais insistiam em manter suas estratégias de controle e de poder, porém estas se mostravam infrutíferas. Com isso, vem à tona um contexto em que, pela primeira vez, essas elites passaram de protagonista a coadjuvante na condução da própria cidade. Sua ação não mais contava com o respaldo de se efetivarem na definição dos destinos da cidade. Ao contrário, as decisões eram determinadas pelo Governo Federal, no Rio de Janeiro, ou pelos países aliados. No entanto, esse papel, provavelmente, teria compensações, tendo em vista que a cidade se mostrava cada vez mais identificada com algumas características que se pretendia construir historicamente a sua modernidade.

O discurso das elites dirigentes revelou que o visitante e a aviação se tornavam os resultantes de sua posição geográfica e, conseqüentemente constituintes de sua melhor perspectiva futura. A compensação pelas perdas era avaliada pela consideração de que Natal herdaria a “maior Base aérea do mundo” (MÁXIMO, 1945, p.9), construída pelos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. Esta conquista, acreditavam, a tornaria uma atração turística e lhe renderia muitos investimentos. O ex-governador Juvenal Lamartine, em 1945, reafirma – infere-se – as intenções do grupo ao qual pertencia, em um artigo publicado no Jornal A República, onde comenta:

Quero fazer uma predição que minha idade não permitirá ver realizada. Natal há de ser a Sagres brasileira. Daqui partirão ondas de avião aqui



mesmo construídos para todos os pontos do universo, por céus nunca antes navegados, não para conquistar povos, mas para estreitar as relações comerciais, sociais e culturais entre as nações livres (LAMARTINE, 1945, p.1).

Ao findar a guerra na Europa em maio de 1945, as elites locais organizaram manifestações coletivas nos espaços públicos da cidade (REALIZOU-SE..., 1945, p.12) na expectativa de que a normalidade se instalaria, o cotidiano retornaria e elas conduziram a retomada do desenvolvimento da cidade (FRANÇA, 1945b). Em 15 de agosto de 1945, foi revogado o Estado de Guerra no Brasil e, em Natal, o Jornal A República registrava que o mundo estava iniciando um tempo duradouro de paz.

A tranquilidade voltou a reinar e as elites demonstravam “um forte sentido de confiança no futuro, de esperança em um mundo melhor e de melhores dias para toda a humanidade” (CONFIANÇA..., 1945, p.3). É fato que as frustrações e o desnorteamento porque passaram se consolidou após a saída das tropas norte-americanas. A partir dela, os dirigentes continuariam insistindo na elaboração de planos orientadores da economia local, incorporando a importância estratégico-militar ao pretendido potencial turístico, ao associar a imagem de “Corredor da Vitória”, que havia marcado “seu lugar na história desta guerra de libertação da humanidade” (NATAL..., 1943, p.3).

A guisa de conclusão

As propriedades dos discursos, propostas por Roger Chartier (1994, p.101), são “procedimentos de acreditação específicos”, assim como à história é creditada a prerrogativa de ser detentora do conhecimento verdadeiro. A história não como algo que pretende existir por si, mas transformar, recontar e (re)significar momentos vividos pela cidade moderna. Compreende-se, neste sentido, que as historiografias são interpretações, que podem ser construídas a partir de registros dos discursos. Essa consideração implica no entendimento de que documentos contêm e relacionam imagens ou palavras para dar significações a um determinado evento histórico, assim como relacioná-los com as práticas culturais (sejam literárias, visuais ou mentais). Essa interação, portanto, pode ser entendida pelo conceito de representação, o qual reforça a ideia de que imagens e textos simplesmente refletem ou imitam a realidade social.

Para Chartier (1990), o mundo é uma representação produzida por indivíduos de uma determinada época e de tudo o que estes tomam como verdade. As representações são, assim, maneiras como os indivíduos apreendem o mundo, como se relacionam com ele e, conseqüentemente, como compreendem o funcionamento da sociedade. Vinculado a esse conceito, trabalhou-se também com a compreensão de que os fatos não têm dimensões absolutas. Para Paul Veyne (1971, p.23), tudo depende da escolha do narrador, uma vez que não existe uma história capaz de abarcar a totalidade, uma história geral. Os acontecimentos estudados adquiriram sentido porque foram tratados dentro de uma série específica, escolhidos livre e subjetivamente. Outrossim, a trama tratou de uma realidade singular contingente, limitada e, neste acontecimento, recebeu o tratamento histórico. Os dados, portanto, foram selecionados e não foram tratados como totalidades.

A série histórica tratou das particularidades do inesperado processo de mudança vivido por Natal, das mudanças promovidas pela sua militarização, pela convivência com o novo e pela habilidade de apropriação do ideário da modernidade e da modernização, perseguidas pelas elites dirigentes, que o utilizavam como forma de justificar suas ações desde o início do século XX.



Torna-se importante ressaltar, neste contexto, a capacidade de flexibilização e sobrevivência dos moradores diante das dificuldades de viver numa cidade em guerra, assim como a das elites de adaptarem seus interesses a uma conjuntura adversa e de perigo, embora ambos tenham demonstrado ser possível continuar interferindo e dirigindo seus próprios destinos.

Observa-se que as transformações urbanas desencadeadas pela Segunda Guerra Mundial em Natal: refere-se a um conjunto de intervenções que manteve o elo das elites locais com o projeto de modernização anteriormente idealizado, embora os imprevistos tenham sido adaptados a este sem, necessariamente, tê-los sob controle. Parte se materializou em edifícios com características estéticas elaboradas, em mudanças de uso nos bairros, na convivência diária com as novidades e novos hábitos. Outras conquistas foram de caráter efêmero, que se revestiam no *glamour* das atividades desenvolvidas no Grande Hotel⁸, nas práticas esportivas no Clube Hípico e na perspectiva de ser “presenteada” com a maior Base Aérea das Américas. Conquistas que eram considerados elementos facilitadores que transformariam esse caminho para o futuro.

As elites locais se conectavam as ideias predominantes naquele momento e suas consequências práticas ainda não podiam ser bem avaliadas, dada a proximidade com o vivido. Presentia-se, no entanto, que a presença dos militares norte-americanos em Natal e as mudanças decorrentes da conjuntura da Segunda Guerra Mundial, apesar de imprecisas, haviam acelerado o crescimento e promovido uma urbanização desorganizada – ao contrário das décadas anteriores, regidos pela preocupação com a elaboração de planos urbanísticos –, que, posteriormente, resultou no surgimento de inúmeros problemas sociais, inclusive manifestações de vandalismos e sintomas psicológicos graves, que se manifestaram entre estudantes das escolas públicas e moradores dos diversos bairros da cidade (O ROUBO..., 1944, p.3; SERVIÇO..., 1946).

Foram produzidas grandes fortunas em Natal, principalmente entre comerciantes e especuladores imobiliários, porém este enriquecimento não se reverteu na modernização do comércio e, muito menos, na industrialização da cidade. Ao final, Natal perdeu, em alguns aspectos, com o término da guerra, mas as Forças Armadas Brasileiras ganharam com a infraestrutura da Base Aérea *Parnamirim Field*, embora o Governo Brasileiro tenha remunerado ao Governo dos EUA por grande parte dos investimentos e equipamentos que foram deixados em seu território.

Passado o *glamour*, os inúmeros problemas não tardaram em chegar a diversos âmbitos. A cidade trampolim, que serviu de teatro para o medo e para as ilusões, também se tornou palco de cenas contrastantes. Por um lado, o descaso diante das privações dos moradores, e por outro, a convivência diante da adoção de um modo de vida estranho à tradição. Em 1945, o cenário não era mais o mesmo de 1939. Os bairros de Cidade Alta, Ribeira, Alecrim, Rocas, Tirol e Petrópolis não eram mais os mesmos. O diferencial estava no vazio que tendia a se instalar, nos conflitos que surgiram, na condição de vida de dificuldades e no alto padrão social que se consolidaria. De fato, a cidade nunca mais seria a mesma.

Agradecimentos

Os autores gostariam de agradecer ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – pelas bolsas e apoio financeiro à pesquisa.

⁸ Projetado pelo arquiteto francês Georges Munier, foi um dos primeiros edifícios de tendência modernista na cidade e praticamente o único hotel de grande porte de Natal. Inaugurado em 1939, desempenhou um importante papel, durante a guerra, ao abrigar militares de alto escalão e personalidades em trânsito na cidade (FARIAS, SIMONINI, FERREIRA, 2008).



Referências

- AS PORTAS do Brasil, **A República**. Natal, 4 dez. 1942.
- CASCUDO, Luís da Câmara. Natal para o ano 2000. **A República**. Natal, 21 jan. 1944.
- CHARTIER, Roger. **A história hoje**: dúvidas, desafios, propostas. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1994.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1990.
- CONFIANÇA no futuro. **A República**. Natal, 27 dez. 1945.
- DANTAS, Ana Caroline de Carvalho Lopes. **Sanitarismo e planejamento Urbano**: a trajetória das propostas urbanísticas, para Natal entre 1935 e 1969. 2003. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - PPGAU, UFRN, Natal, 2003.
- FARIAS, Hélio T. M; SIMONINI, Yuri; FERREIRA, Angela Lúcia. Memória Virtual: restaurando a arquitetura e divulgando a história do Grande Hotel de Natal. In: SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE ARQUITETURA E DOCUMENTAÇÃO, 2008, Belo Horizonte, MG. **Anais eletrônicos....** Belo Horizonte, MG: Escola de Arquitetura da UFMG, 2008, p. 1-16.
- FERREIRA, Angela Lúcia. **De la producción del espacio urbano a la creación de territorios en la ciudad**: un estudio sobre la constitución de lo urbano en Natal, Brasil. 1996. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidad de Barcelona, Barcelona, 1996.
- FERREIRA, Angela Lúcia; EDUARDO, Anna Rachel Baracho; DANTAS, Ana Caroline C. L.; DANTAS, George A. F. **Uma cidade são e bela**: a trajetória do saneamento em Natal - 1850 a 1969. Natal: IAB-RN/ CREA-RN, 2008.
- FERREIRA, Angela Lúcia; DANTAS, George A. F. (Org.). **Surge et Ambula**: a construção de uma cidade moderna (Natal, 1890-1940). Natal, RN: EDUFRN, 2006.
- FRANÇA. Aderbal. A volta dos navios. **A República**. Natal, 03 ago. 1945b.
- LAMARTINE, Juvenal. Natal – Centro brasileiro de aviação. **A República**. Natal, 01 jan. 1945.
- MÁXIMO, Luis. Natal e seu progresso. **A República**. Natal, 08 abr. 1945.
- MELO, Protásio Pinheiro. **Contribuição norte-americana à vida natalense**. Brasília: [s.l.], 1993.
- NATAL – A encruzilhada de todos os caminhos do mundo. **A República**. Natal, 12 set. 1943.
- NATAL, “corredor da vitória”. **A República**. Natal, 24 ago. 1943.
- NATAL, encruzilhada do mundo. **A República**. Natal, 19 abr. 1944.
- O ROUBO nas Joalherias Farache e “V”: prosseguem as diligências. **A República**. Natal, 22 set. 1944
- OLIVEIRA, Giovana Paiva. **A cidade e a guerra**: as transformações urbanas e a militarização da cidade do Natal na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). 2008. Tese (Doutorado em Desenvolvimento urbano) - MDU, UFPE, 2008.
- LOPES JUNIOR, Edmilson. **A construção social da cidade do prazer**: Natal. Natal: EDUFRN, 2000.
- POSTO avançado do Brasil na Guerra: em estado de combater a força naval que opera nos mares do Nordeste – ação contra os submarinos. Diário da Noite **apud A República**. Natal, 29 set. 1943.
- REALIZOU-SE ontem o comício da liga de defesa nacional: grande entusiasmo pela próxima queda de Berlim. **A República**. Natal, 24 abr. 1945.
- SERVIÇO de Assistência aos Psicopatas. **A República**. Natal 02. mar. 1946.
- SMITH JÚNIOR, Clyde. **Trampolim para a vitória**. Natal: EDUFRN, 1993.
- VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1971.